

# CRIANÇAS E PANDEMIA DA COVID-19: DIREITO À VOZ E À PARTICIPAÇÃO MEDIADA POR FANZINE\* \*\*



HAYDA ALVES<sup>I</sup>  
PAULA MARTINS SIRELLI<sup>II</sup>  
ALBERTO CARLOS PAULA DE SOUZA<sup>III</sup>  
ANDRÉA ARAÚJO VIANA<sup>IV</sup>

---

<sup>i</sup>ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7977-6324>. Doutora em Saúde Pública. Membro da Rede de Educação Popular e Saúde . Professora Adjunta do Curso de Enfermagem. Departamento Interdisciplinar - Instituto de Humanidades e Saúde - Universidade Federal Fluminense, campus Rio das Ostras. Rua Recife, Lotes 1 a 7, Jardim Bela Vista, Rio das Ostras-RJ. CEP 28895-532. E-mail: haydaenf@gmail.com

<sup>ii</sup>ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3573-6283>. Doutora em Serviço Social. Professora Adjunta do Curso de Serviço Social. Departamento Interdisciplinar - Instituto de Humanidades e Saúde - Universidade. Federal Fluminense, campus Rio das Ostras. Rua Recife, Lotes 1 a 7, Jardim Bela Vista, Rio das Ostras-RJ. CEP 28895-532. E-mail: paulasirelli@yahoo.com.br

<sup>iii</sup>ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4460-954X>. Especialista em Artes na Educação. Coordenador da Fanzinoteca IFF Macaé. Designer Gráfico . Instituto Federal Fluminense campus Macaé. Rodovia Amaral Peixoto, km 164, Imboassica, Macaé-RJ. . CEP: 27932-050. E-mail: asouza@iff.edu.br

<sup>iv</sup>ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5889-1331>. Enfermeira Sanitarista, Especialista em Gestão Materno Infantil. Chefe da Divisão de Vigilância Epidemiológica/Secretaria Municipal de Saúde de Rio das Ostras. Rua São Paulo, 950 Extensão do Bosque, Rio das Ostras. CEP 28893-274. E-mail: andrea.viana.av@gmail.com

\*Publicação original.

\*\*Data de submissão: 26/07/2020. Data de aceite: 24/08/2020. Data de publicação: 10/09/2020.

## RESUMO

A pandemia da COVID-19 impôs mudanças significativas na vida de crianças e adolescentes. Além de afetadas pelos efeitos sociais e econômicos impostos ao cotidiano dos adultos, as crianças vivenciam de forma mais intensa, medo, desinformação e limites nos espaços de fala e escuta. Assegurar os direitos da criança torna-se imperativo neste momento de crise sanitária. Este trabalho relata de forma sistematizada uma experiência de produção de um fanzine sobre a pandemia do coronavírus voltado às crianças. Como recurso estratégico de comunicação, o zine visa informar, gerar diálogo e potencializar a escuta das mesmas. Efetivar os direitos de expressão das crianças sobre quaisquer assuntos que as afeta acende um debate importante na agenda pública e bastante oportuno no momento em que o “Estatuto da Criança e do Adolescente” (ECA) comemora 30 anos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Criança ; Educação em saúde; Promoção da saúde, Prevenção primária

## INTRODUÇÃO

A indissociabilidade entre políticas sociais e cidadania tem como marco a Constituição Federal (CF) de 1988 com a primazia e a legitimidade dos direitos sociais na gênese da democracia brasileira. Cidadania e igualdade emergem na estrutura legal de um projeto civilizatório orientado a uma sociedade mais inclusiva, equânime e solidária, face à crescente desigualdade socioeconômica e aos problemas sociais emergentes, em particular, a violência no Brasil, assim como no conjunto da América Latina<sup>1</sup>. A despeito das mazelas sociais existentes somadas à carência e à insuficiência dos sistemas de proteção social, conquistas históricas como a saúde como direito universal de cidadania e o reconhecimento de todos e todas, inclusive das crianças e adolescentes como titulares de direitos, marcaram o período.

A década de 1990 foi determinante no desafio de desenvolver um aparato institucional capaz de transformar o direito proclamado em direitos sociais reconhecidos, efetivados e protegidos no bojo de políticas de bem estar social, ainda que edificadas tardiamente<sup>2</sup>.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é promulgado em julho de 1990, inaugurando uma nova concepção de direitos e deveres pautados na doutrina de proteção integral, encerrando formalmente o menorismo, isto é, a estigmatização, repressão e exclusão de crianças e adolescentes refletidas no Códigos de Menores de 1927 e 1979. . Um novo marco jurídico-legal visa práticas diferentes em que “o objeto é outro”, “uma nova identidade social é categorizada como crianças e adolescentes”<sup>3</sup>.

Comemorar 30 anos do ECA significa reconhecer um percurso histórico de luta contra a violência e invisibilidade em relação à infância e à adolescência no plano nacional, bem como, o alinhamento da defesa dos direitos das crianças e adolescentes a importantes marcos internacionais, como como a Declaração Universal dos Direitos da Criança promulgada pela Organização da Nações Unidas de 1959 e a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças<sup>4</sup>.

Com efeito, o direito de crianças e adolescentes expressarem opiniões livremente e tê-las em consideração em quaisquer assuntos que as afetem adquiriu respaldo legal-institucional a partir desses marcos, vide o 12 da Convenção das Nações Unidas e o artigo 16 do ECA ao explicitarem tal direito. Não por acaso, meio

à pandemia do coronavírus a UNICEF lançou a campanha “Sentimentos no Papel”, em que estimula crianças de todo o país a enviar um desenho que registre suas impressões e sentimentos deste período de afastamento social e as famílias a postarem esses desenhos nas redes sociais. A iniciativa ressalta a importância de se dar voz às crianças em meio à pandemia, ouvi-las e de criar momentos em que elas possam se expressar<sup>5</sup>.

As crianças criam cultura para além do adultocentrismo. Elas interagem inventam e transformam a sociedade com um repertório próprio e singular, como sinaliza obras fundantes da sociologia e antropologia da infância. O livro de Philippe Ariès em 1961 “*Lenfant et la vie familiale sous l'ancien régime*”, tornou-se um clássico ao inscrever a infância como construção social no bojo de processos civilizatórios edificados e transformados dinamicamente, evidenciando a infância como construção histórica<sup>6</sup>. “Na Idade Média, pelo fato de as crianças não serem representadas nas iconografias, não existiria um conceito objetivo para a Infância. A criança era representada como um adulto em miniatura”<sup>7</sup>.

Ao final dos anos 1920 Margareth Mead inaugura uma nova perspectiva na antropologia da infância com “*Coming of age in Samoa*”<sup>8</sup>. A antropóloga estadunidense alerta sobre influência da cultura no processo de crescimento das crianças e adolescentes, contrapondo-se às teorias que explicavam o comportamento infantil como sendo biologicamente determinado. Mead, recolheu e formatou um importante número de dados etnográficos sistemáticos produzidos por crianças (3200 desenhos infantis) para defender a importância de conhecer suas vidas e entender o que acontece na adolescência<sup>7</sup>.

Portanto, a experimentação metodológica na pesquisa com crianças, - ainda em processo de maturação - , sempre se beneficiou do desenho e da arte inventiva como diálogo, elementos promissores para participação e escuta de crianças tantas vezes silenciadas. No campo da saúde, a produção de fanzines é signatária dessa história. Desenhos, bricolagens e textos ilustrativos tornam-se mecanismos potentes para dialogar com crianças e adolescentes sobre assuntos que as afetam. Tomando o contexto da pandemia causado pela COVID-19 como um aprofundamento deste desafio, o objetivo deste trabalho foi sistematizar uma experiência de produção do fanzine “Vamos Vencer o Coronavírus” voltado às crianças.

## FANZINES NAS EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Fanzine é um termo criado pela junção do prefixo fan de *fanatic* com o sufixo zine de magazine, que significa magazine do fã, pessoas aficionadas por algum tema - ou seja, fãs em ficção científica, história em quadrinhos (HQs).

Trata-se de uma publicação alternativa e amadora, geralmente de pequena tiragem e impressa artesanalmente. É editado e produzido por indivíduos, grupos ou fãs clubes de determinada arte, personagem, personalidade, *hobby* ou gênero de expressão artística <sup>9</sup>.

No meio educacional, onde práticas educativas inovadoras buscam despertar tanto no docente, como nos estudantes, uma educação para autonomia que desenvolva a expressividade e autoralidade, o uso de fanzines é visto como um caminho viável. Gazy Andraus (2013) defende o seu uso didático e afirma que a produção de um zine é um processamento criativo prazeroso e faz com que professores e estudantes percebam que são autores em potencial, permitindo ao autor desenvolver potenciais que nem sempre a escola permite, considerando que o rigor cientificista inibe a expressão prejudicando assim o desenvolvimento pessoal e o quesito da expressão artística em geral <sup>10</sup>.

O fanzine às vezes pode ser confundido com jornais estudantis, revista de quadrinhos ou publicações independentes similares e dificilmente haverá uma definição científica que esgote sua definição e usos. Segundo Busanello<sup>11</sup> talvez seja uma característica da própria prática do fanzinato, que se expressa melhor na prática que na teoria. Busanello prossegue afirmando que o fanzine é por si mesmo uma forma de expressão artística. Fortuna<sup>12</sup>, a partir de uma tese sobre Fanzines e HQ na saúde, explica ainda que:

fanzines (ou zines) são publicações independentes, amadoras e artesanais, impressas por técnicas diversas (fotocopiadoras, mimeógrafos, impressoras a laser, xilografuras, dentre outras), de tiragem reduzida, em que o editor/autor/fanzineiro é responsável por todo processo editorial e de produção, que envolve desde a concepção, coleta de informação, geração de conteúdo, diagramação, ilustração, montagem, paginação, divulgação, distribuição, vendas e trocas. A produção gráfica do fanzine assemelha-se com a de um jornal ou revista, por agregar seus elementos,

no entanto, é da natureza dos zines não ter como meta finalidades lucrativas, nem seguir regras editoriais alheias às escolhas de seu criador. Uma das principais características do zine é a liberdade de expressão, uma vez que, estando desvinculado dos ditames editoriais do mercado, os zines constituem-se como laboratórios de exploração e experimentação de diferentes linguagens e da criatividade.

A elaboração de fanzines pode ser tomada como estratégia de mediações culturais (metodologia participativa ativa) no processo de construção de partilhada de saberes sobre cuidados na saúde e prevenção de doenças. Baseia-se na perspectiva dialógica freiriana de uma dialética que conduz a formação da consciência crítica do sujeito, e, por conseguinte, a uma transformação de si mesmo, das suas práticas e do seu lugar na sociedade e da própria sociedade<sup>13</sup>. No processo de elaboração dos zines a “leitura de mundo” torna-se elemento disparador das palavras e das imagens (produzidas por meio de desenhos, de corte-cola de gravuras e letras de revistas e jornais, além de desenhos livres) que irão compor o zine final.

Os zines têm sido cada vez mais empregados no campo da saúde como recursos estratégicos para tentar sensibilizar o público adulto, alertar e orientar o público infanto-juvenil. Vale tudo - utiliza-se de cartilhas, manuais, folhetos, cartazes, pôster, histórias em quadrinho, livretos e tudo mais que cumpra a tarefa educativa de forma lúdica e criativa<sup>14</sup>.

## CAMINHO METODOLÓGICO

Sistematizar experiências exige um esforço crítico-reflexivo a fim de compreendê-las teoricamente, contextualizá-las, registrá-las, analisá-las e (re)ordená-las em uma perspectiva transformadora, compartilhada e implicada com o protagonismo dos sujeitos. Enfim, aspectos caros ao campo da saúde e convergentes à necessidade de potencializar a voz de crianças e adolescentes. A sistematização de experiências vem sendo amplamente experimentada na América Latina no campo da educação popular, mas pouco explorada no campo da saúde. Para Oscar Jara Holliday <sup>14</sup>,

Sistematizar experiências é um desafio político pedagógico pautado na relação dialógica e na busca da “interpretação crítica dos processos vividos”. Trata-se de um exercício rigoroso de aprendizagem que contribui para refletir sobre as diferentes experiências, implicando na identificação, classificação e re-ordenamento dos elementos da prática; utiliza a própria experiência como objeto de estudo e interpretação teórica, possibilitando a formulação de lições e a disseminação.

A potência na sistematização de experiências vai além da documentação de um evento ou fato(s) pontual (is), mas reside na possibilidade de transformar processos de trabalho por meio da reflexão sobre o significado de suas práticas, da análise dos resultados esperados e inesperados, bem como, das relações que emergem desse processo<sup>15</sup>. Para tal, o autor propõe uma tipologia em “cinco tempos”: os pontos de partida, as perguntas iniciais, recuperação do processo vivido, a reflexão de fundo e os pontos de chegada. Para a sistematização e exposição de nossa experiência com o fanzine, utilizamos esses “tempos”.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### **Pontos de partida e perguntas iniciais: COVID-19 e as crianças**

As perguntas iniciais que orientaram o processo de elaboração do material foram: Que informações devem ser produzidas para as crianças sobre a pandemia da COVID-19? Como apresentá-las de forma a potencializar o diálogo ao invés do medo?

Estes questionamentos nos fizeram entender por meio de uma breve revisão de literatura como a COVID-19 afeta as crianças e quais as repercussões sociais da pandemia neste segmento. A partir dessa busca pudemos compreender alguns elementos do debate, elaborar informações para serem compartilhadas com as crianças com vistas à prevenção da doença, como também, para favorecer diálogo com os adultos, um processo sempre apoiado pela linguagem dos fanzines.

De alguma forma os estudos sobre a pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2), causador da doença COVID-19 envolvendo crianças geram



algum alívio dada a magnitude relativamente baixa da doença neste segmento, mas também alertam para as limitadas evidências produzidas.

Apesar de incipientes, estudos apontam que 1 a 5% de todos os casos de COVID-19 ocorrem em crianças, sendo que China reportou uma porcentagem de até 12,3% dos casos. Todo o segmento infato-juvenil é afetado, mas a maior proporção tem sido verificada nas crianças maiores (a partir de 7 anos) e nos adolescentes<sup>16</sup>. Contudo, as formas da doença são geralmente leves<sup>V</sup>. Os sintomas mais comuns são febre, seguida de tosse, diarréia e dor abdominal. Um pequeno número de crianças desenvolve outros sinais clínicos, como coagulopatia, ou ainda, inflamação multisistêmica (erupção cutânea, eritema palmar, conjuntivite, mucosite oral, linfadenopatia e até miocardite) que inicialmente foi diagnosticada como Síndrome de Kawasaki<sup>17,18,19</sup>. Lactentes e crianças em idade pré-escolar apresentam maior risco de agravamento da condição clínica<sup>21</sup>.

É considerável a porcentagem de crianças portadoras do vírus, mas assintomáticas, que podem ter um papel significativo na transmissão da doença – estudos comprovam elevada carga viral em lactentes e crianças maiores<sup>21</sup>. Por outro lado, autores defendem que seja improvável que as crianças determinem as elevadas taxas de transmissibilidade da doença - raramente são caso-índice ou responsáveis por causar surtos<sup>22</sup>.

Não se sabe muito sobre a transmissão de COVID-19 de mãe para filho, apesar de existirem estudos que relatam recém-nascidos positivos de mães positivas, mas não é claro se a infecção ocorreu no período neonatal ou intrauterino<sup>23</sup>.

A recomendação é que as crianças participem ativamente de ações preventivas de rotina para conter a disseminação da doença<sup>24</sup>. Muito se fala de aspectos biológicos e clínicos, mas pouco se discute sobre como as crianças são afetadas pelo distanciamento social, medo, desinformação e desamparo frente às mudanças provocadas em suas vidas e na vida dos adultos<sup>25</sup>. Menos ainda, problematiza-se a pluralidade das infâncias e das crianças e os efeitos da pandemia<sup>26</sup>.

---

<sup>V</sup>Uma das hipóteses para a menor gravidade da COVID-19 em crianças pode estar relacionada à expressão da enzima conversora de angiotensina 2 (ACE2) nas células epiteliais alveolares do tipo I e II. Essa enzima é o receptor do vírus SARS-CoV-2, necessário para a entrada na célula hospedeira e subsequente replicação viral. Como na infância os pulmões ainda estão em desenvolvimento, há uma expressão limitada da ACE2<sup>20</sup>

É importante pensar que as regras de isolamento não deixam de impactar na sociedade em geral, mas, para as crianças, esse impacto pode se dar descolado de explicações e entendimentos, gerando medo e inseguranças. Por que é tão perigoso sair de casa? Por que não posso ir para a escola? Por que está todo mundo usando máscaras? Por que não posso beijar nem abraçar meus avós, meus amigos? Além disso, o confinamento imposto às crianças ao convívio familiar exclusivo e cotidiano, impacta nas relações intrafamiliares individuais e subjetivas já esgarçadas pelo estresse, erosão de suportes sociais (como o escolar), aumento da sobrecarga de trabalho ou dificuldades de subsistência material, além do risco permanente de uma doença desconhecida que causa morte. Isso aprofunda situações de violência contra crianças e adolescentes, especialmente meninas e mulheres<sup>27</sup>.

Apesar dos inúmeros desafios, pouco material tem sido produzido para a população infanto-juvenil na pandemia. Algumas recomendações têm indicado a necessidade de acolhimento dos medos, apoio na expressão de emoções, preocupações e fantasias – especialmente por meios lúdicos, etc. Para os adolescentes, as sugestões também envolvem estratégias para lidar com a frustração gerada pela impossibilidade de encontros com os pares; aprofundamento de condutas oposicionistas, retraimento no quarto, entre outras que refletem a ebulição de sentimentos e risco de adoecimento mental<sup>25</sup>.

### **O processo vivido: a elaboração de um zine para gerar diálogo e enfrentar o medo**

Universidades, Institutos de Pesquisa, Institutos Técnicos, entre outras, têm se articulado solidariamente com governos, sociedade civil e movimentos sociais para a criação de redes de apoio social, tecnologias, insumos e informações educativas necessárias ao enfrentamento da COVID-19. Ao passo que o sofrimento e as mortes trazidas pela pandemia mostraram e aprofundaram muitas das nossas mazelas sociais, também ajudaram a demonstrar a capacidade de mobilização e a importância dessas instituições.

Sem tal articulação e esforço, os efeitos da pandemia certamente seriam mais rápidos e devastadores.

Nesse sentido, a UFF Rio das Ostras e o IFF-Macaé, por meio da Fanzinoteca, em colaboração com a Vigilância Epidemiológica e a Coordenação da Atenção Básica e da Estratégia de Saúde da Família vinculadas à Secretaria Municipal de Saúde de Rio das Ostras, elaboraram zine “Vamos vencer o coronavírus” (Anexo 1). Trata-se de uma iniciativa articulada com o programa de extensão “Adolescentes e jovens do interior do Estado do Rio de Janeiro: participação, direitos e saúde” vinculado ao Departamento Interdisciplinar da UFF Rio das Ostras. A ideia foi produzir um material educativo que possibilitasse o diálogo sobre a pandemia de forma interativa com as crianças e por meio de linguagem lúdica com desenhos e passatempos. Seu principal objetivo é gerar diálogo entre a criança e a família, como uma das formas de lidar com o processo de isolamento social e enfrentar o medo.

Falar sobre a pandemia do coronavírus pode ser uma forma de dar vazão aos sentimentos de ansiedade e insegurança. Para a criança, é importante saber “quem é” responsável por tantas mudanças na rotina.

As práticas de distanciamento social tornam-se, por vezes, difíceis de serem explicadas às crianças, especialmente quando essas são incompreensíveis ou impossíveis aos adultos. Várias situações exemplificam os desafios impostos, como o caso de trabalhadores que precisam sair de casa utilizando o transporte público, expondo-se a um risco aumentado de contaminação; quando o tipo de moradia não permite tal distanciamento – como as casas pequenas ou barracos de um ou dois cômodos habitados por várias pessoas; quando o convívio no mesmo quintal/terreno é uma forma de suporte social imprescindível a vida diária – como o caso das mulheres que partilham cuidado de filhos de parentes/amigos para possibilitar a saída para o trabalho, entre outras situações.

No Brasil não foram implementadas ações de abrangência nacional que explicassem sobre a pandemia, suas causas, seus efeitos, e menos ainda sobre os cuidados necessários para evitar o contágio e diminuir a propagação do coronavírus. Falar sobre este momento para as crianças, de forma lúdica e com informações precisas legitima seu direito a informações seguras sobre sua vida e sua saúde adequadas ao seu desenvolvimento e entendimento, como também é uma estratégia

que favorece o diálogo dentro da família. As crianças são sujeitos de cuidado e também constroem saberes sobre saúde.

### **A reflexão de fundo**

Somos o saber que criamos e somos a experiência de partilharmos o saber a cada momento de nossas vidas <sup>28</sup>.

As crianças não vivem um mundo à parte, pelo contrário, vivenciam as transformações que afetam toda a sociedade, de forma interativa e dinâmica. Conceber as crianças como sujeitos de cuidados, implica o desenvolvimento de estratégias educativas que possibilitem escutá-las, dialogar e investir no potencial educativo que as crianças possuem de ensinar a si mesmo e aos adultos. As crianças não são um “copo vazio” receptáculo de conhecimento via processos que as desqualificam, silenciam e subjagam. Elas possuem uma capacidade inventiva primordial que deve ser estimulada a criar e partilhar saberes enquanto prática relacional. Mas para isso, é preciso estimulá-las a participar da partilha cotidiana da vida, e, principalmente, escuta-las.

Tomar o ECA como referência não foi uma escolha aleatória. O Estatuto é parte do arcabouço político, legislativo e instrumental que visa apostar nas crianças e adolescentes como sujeitos. Sua aprovação foi, sem dúvida, um passo importantíssimo nas conquistas democráticas e civilizatórias, além de ter significado um avanço da luta pela consolidação dos direitos humanos. A mera aprovação da lei, ainda que seja resultado de lutas políticas de diferentes sujeitos e movimentos sociais, não garante sua efetivação. Há limites de ordem jurídico formal, dos modos de sociabilidade e da própria democracia - que só admitem formas de organização e de luta que se submetam à lógica capitalista, as quais podem colocar em risco direitos já conquistados<sup>29</sup>. Qualquer direito na sociabilidade capitalista, está sempre aquém daquilo que a realidade

realidade exige, nunca contempla suas necessidades e demandas, haja vista que se trata de necessidades desiguais: é parte da contradição fundante de uma realidade contraditória.

Como um dos instrumentos para garantir a proteção das crianças e adolescentes, o ECA prescinde de uma série de políticas públicas que garantam a efetivação dos direitos e da proteção integral a esse importante segmento populacional.

### **Os pontos de chegada**

Além do próprio conteúdo inovar de maneira criativa e lúdica face a assunto tão difícil, a elaboração do zine mobilizou pessoas e pontos de apoio na rede sócioassistencial importantes no cuidado e proteção das crianças: famílias, professores e trabalhadores de saúde. As estratégias de disseminação foram cuidadosamente incorporadas como parte da produção.

O zine tem circulação on-line, foram produzidas notícias de divulgação (<https://www.marcafantasia.com/revistas/ifanzine/edicoes/coronavirus/coronavirus.html>) assim como foi realizado um esforço para sua distribuição impressa via Estratégia de Saúde da Família (ESF). Além disso, está disponível para projetos apoiados e desenvolvidos a partir da própria UFF-Rio das Ostras.

A primeira tiragem foi de 140 exemplares, distribuídos com lápis de cor e apontar junto as cestas de doação de alimentos às famílias necessitadas atendidas pelo Movimento Solidário de Rio das Ostras do mês de junho. Com apoio da UFF foram distribuídos ainda 100 fanzines, acompanhados de giz de cera para as crianças que residem no Bairro Âncora, numa comunidade conhecida como Portelinha. Outra tiragem de 300 zines acompanha estratégias em nível local desenvolvidas pela Secretaria Municipal de Saúde de Rio das Ostras via ações na atenção básica e ESF protagonizadas por agentes comunitárias de saúde. A versão do zine para impressão foi enviada on-line para profissionais de saúde da região e de outros Estados.

Além dessas ações, para estimular a curiosidade de adultos e crianças sobre material, foi elaborado um vídeo de divulgação em que o zine é narrado pelas próprias crianças. Sua circulação foi via WhatsApp e outras mídias sociais: [https://drive.google.com/file/d/1vPxHCV1JjljFbiCxJPP\\_\\_QGQJuSwhL-Vviewusp=drivesdk](https://drive.google.com/file/d/1vPxHCV1JjljFbiCxJPP__QGQJuSwhL-Vviewusp=drivesdk).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de construção do fanzine mostrou-se um desafio. Isto inclui um esforço em romper com o discurso adultocêntrico na saúde, estimulando as crianças a serem sujeitos que podem construir não apenas processos de cuidado, mas também ,levar os adultos a reflexões, inclusive educando-os.

Pelas próprias limitações impostas pela pandemia, as crianças não participaram diretamente no processo de da elaboração do fanzine “Vamos vencer o coronavírus”. Mas foi possível inclui-las nas impressões que as mesmas tiveram sobre as atividades e forma de exposição das ideias, assim como na utilização do zine. Os desenhos e o trabalho de *lettering* contou com a colaboração de uma jovem da Fanzinoteca IFF-Macaé, onde as letras também são desenhadas à mão, o que dá muita liberdade para a artista, de dialogar com a simplicidade e com o “feito à mão”. Tem sido uma técnica bastante utilizada pela juventude para marcar um processo de produção perpassado pela criatividade, originalidade e invenção. Uma das razões da escolha desta técnica foi trazer leveza ao material, pois mesmo as palavras parecem uma ilustração, uma brincadeira. E isso tem se mostrado atrativo para as crianças, visto que o impacto visual é importante para chamar a atenção para o material.

Para nós, pesquisadores e profissionais de saúde, é urgente que estejamos sensíveis a outras estratégias metodológicas que dialoguem com as crianças, não baseadas apenas em narrativas, mas que envolvam as crianças em processos de criação, de autocuidado e de possibilidades de pensar os processos saúde doença em que estão inseridas.

Os estudos e pesquisas que abordam a realidade das crianças durante a pandemia, para além da questão clínica e epidemiológica ainda são escassos. É fundamental compreendermos de que forma a pandemia tem rebatido na vivencia cotidiana das famílias e das crianças. As “infâncias” no Brasil são diversas, e essa diversidade fica ainda mais evidente neste momento de isolamento, onde as desigualdades são ainda mais latentes. Há marcadores de classe, raça e gênero que implicam na vivencia do isolamento de formas muito diferentes. Essa diferença é percebida nas possibilidades de ocupação do tempo, na construção de opções de

lazer, na dinâmica cotidiana do acompanhamento das aulas on-line durante a pandemia, por exemplo. Tem traços importantes do território, do tamanho da casa, da sobrecarga do trabalho doméstico para a mulher, da disponibilidade de tempo e energia dos pais. Nossa preocupação na construção do fanzine inclui também possibilitar uma distração para as crianças, com um olhar atento àquelas que não têm acesso a atividades lúdicas. Decorre daí também nosso esforço em distribuir lápis de cor junto com o fanzine – para possibilitar a construção de um espaço de lazer, de brincadeira, de distração e de criatividade.

Necessitamos de estudos e pesquisas que aprofundem a compreensão de como as crianças têm vivenciado as diferentes “infâncias” que cabem nesse país. Existe possibilidades de ampliar a interação, os afetos e o desenvolvimento intelectual das crianças para todas as famílias neste período de isolamento? Como tem sido a vivência da pandemia das crianças pobres, das crianças negras, das meninas expostas a situações de abuso sexual dentro da família, das crianças cujos pais são submetidos a rotina de trabalho extensas (e muitas vezes precisam levar a criança para este espaço? A quem tem recaído o cuidado cotidiano das crianças que estão todo o tempo dentro de casa?

Essas questões só serão respondidas se levarmos em conta que não se trata apenas de questões individuais, mas que perpassam a relação da sociedade civil com o Estado. O que presenciamos é uma dificuldade do poder público em responder a estas situações. Falta investimentos legais, financeiros, culturais e políticos para romper ciclos históricos de pobreza, miséria e falta de acesso, que expõe cotidianamente as crianças a situações de violências e falta de alternativas e possibilidades. Ainda se põe uma última questão: Como nós, pesquisadores e profissionais de saúde, podemos contribuir para chamar o poder público a estas responsabilidades?

Quando refletimos sobre o ECA, seus 30 anos, não podemos deixar de ter em vista que ele é parte arcabouço legislativo - sua construção é sem dúvida uma conquista, mas limitada e insuficiente. Para que ele avance na garantia dos direitos, são necessários outros movimentos para além do normativo legal – prescinde de organização política e popular, que pressione o Estado a construir respostas, via políticas públicas.

Nossa aposta em metodologias lúdicas, que cheguem à casa das crianças, é também uma aposta na criação de alternativas para uma realidade muitas vezes dura, sem distrações e sem cores. É uma aposta na construção da autonomia desses sujeitos. Mas, também, uma aposta em colorir esse cotidiano.

## REFERÊNCIAS

1. Sorj B. *A democracia inesperada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
2. Menicucci T, Gomes S. *Políticas sociais: conceitos, trajetórias e a experiência brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2018
3. Lemos FCS. O Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil atual. *Rev. Psicol. Polít.*, v. 8, n. 15, 2008, 93-106.
4. Organização das Nações Unidas [homepage na internet]. Convenção sobre os Direitos da Criança de 1989. [Acesso em: 20 jul. 2020]. Disponível em <https://www.unric.org/html/portuguese/humanrights/Crianca.pdf>.
5. UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) [homepage na internet]. Sentimentos no papel. [Acesso em 18 jul.2020]. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/sentimentos-no-papel>.
6. Ariés P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.
7. Friedmann A. História do percurso da sociologia e da antropologia na área da infância. *Rev. VERAS*, v. 1, n. 2, 2011, 214-235.
8. Mead M. *Coming of age in Samoa*. New York, Morrow, 1928.
9. Magalhães H. *O rebuliço apaixonante dos fanzines* – João Pessoa: Marca de Fantasia, 2003.
10. Andraus G. Minhas experiências no ensino com os criativos fanzines de histórias em quadrinhos e outros temas. In: SANTOS NETO, E.; SILVA, M. R. P. (Org.). *Histórias em quadrinhos e práticas educativas*. Volume I: o trabalho com universos ficcionais e fanzines. 1a ed. São Paulo: Criativo, 2013.
11. Busanello WL. *Fanzine como obra de arte* – João Pessoa: Marca de Fantasia, 2015.
12. Fortuna DBS. Prospecção de materiais educativos impressos sobre saúde do Instituto Oswaldo Cruz e desenvolvimento de metodologia para avaliação de materiais através de oficinas criativas e de fanzines, FIOCRUZ, RJ, 2017. *Tese Doutorado em Ciências da Saúde*.
13. Freire P. *Pedagogia do oprimido*. 65. Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
14. Moneda OR, Lobo, JAF, Prado, SI. O fanzine como meio de orientação e prevenção contra maus-tratos à criança. *Rev. Soc. Bras. Enferm. Ped.* v.15, n.1, 2015, 44-52.
15. Holliday OJ. *Para sistematizar experiências*. Brasília (DF): MMA; 2006.
16. Khan EA. *COVID-19 in children: Epidemiology, presentation, diagnosis and management*. *J Pak Med Assoc.* 2020;70 (Suppl 3)(5):S108-S112. doi:10.5455/JPMA.25
17. Dong Y, Mo X, Hu Y, et al. *Epidemiology of COVID-19 Among Children in China,*. *Pediatrics.* 2020.
18. Schroeder AR, Wilson KM, Ralston SL. *COVID-19 and Kawasaki disease: finding the signal in the noise*. *Hosp Pediatr.* 2020.
19. Ranabothu S, Onteddu S, Nalleballe K, Dandu V, Veerapaneni K, Veerapandiyan A. *Spectrum of COVID-19 in Children.* *Acta Paediatr.* 2020.



20. Zhang H., Penninger JM., Li Y. et al. Angiotensin-converting enzyme 2 (ACE2) as a SARS-CoV-2 receptor: molecular mechanisms and potential therapeutic target. *Intensive Care Med* 46, 586–590 (2020). <https://doi.org/10.1007/s00134-020-05985-9>.
21. Safadi, MAP. As características intrigantes da COVID-19 em crianças e seu impacto na pandemia. *J. Pediatr.* (Rio J.), Porto Alegre, v. 96, n. 3, 2020, 265-268. [Acesso em 26 Ago. 2020.] Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0021-75572020000300265&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572020000300265&lng=en&nrm=iso)>
22. Ciuca IM. *COVID-19 in Children: An Ample Review*. Risk Manag Healthc Policy. 2020, 661-669.
23. Fan C, Lei D, Fang C, et al. *Perinatal transmission of COVID-19 associated SARS-CoV-2: should we worry?* Clin Infect Dis. 2020.
24. Merino-Navarro D, Perianez CD. *Prevención y tratamiento del Covid-19 en la población pediátrica desde una perspectiva familiar y comunitaria*, *Enfermería Clínica*, 2020 [Acesso em 26 de agosto de 2020], Disponível em doi:<https://doi.org/10.1016/j.enfcli.2020.05>.
25. Lima RC. Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, e300214, 2020.
26. Pastore MDN. Infâncias, crianças e pandemia: em que barco navegamos? *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional* 2020. [Acesso em 26 de agosto de 2020]. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/919/1285>.
27. Marques ES. et al. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 4, e00074420, 2020.
28. Brandão CR. *A educação popular na Escola cidadã*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Brites CM. Valores, ética, direitos humanos e lutas coletivas: um debate necessário. In: Forti V, Brites CM. (orgs.) *Direitos humanos e serviço social: polêmicas, debates e embates*. Editora Lumen Juris, Rio de Janeiro, 2011, 53-70.
29. Brites CM. Valores, ética, direitos humanos e lutas coletivas: um debate necessário. In: Forti V, Brites CM. (orgs.) *Direitos humanos e serviço social: polêmicas, debates e embates*. Editora Lumen Juris, Rio de Janeiro, 2011, 53-70.

Agradecimentos: Agradecemos a Karollyne Castro pelo trabalho de lettering e ilustrações; a Leonardo Saleh e Miguel Gustavo Batista Gomes pela edição do vídeo, como também, aos pais e às crianças que possibilitaram sua criação.

ANEXO 1. Fanzine “Vamos vencer o coronavírus”

••• QUE ESTA ACONTECENDO NO PLANETA? PANDEMIA!



PANDEMIA É QUANDO AQUELE QUE É PERIGOSO PARA OS OUTROS PODE SER PERIGOSO PARA NÓS TAMBÉM. NA PANDEMIA, UMA DOENÇA VIAJA DE PAÍS EM PAÍS, AFETANDO TODAS AS PESSOAS.

AGUA E SABÃO PARA - VENCER O VILÃO!!



ABRA A TORNEIRA, MOLHA AS MÃOS E FECHA. ENXABOA E ESFREGA TODOS OS CANTINHOS, DEBAIXO DAS UNHAS, TODOS OS LADINHOS DOS DEDOS, A PALMA DAS MÃOS ATÉ OS PUNHOS ENQUANTO CANTA "PARABÉNS PRA VOCÊ 2X". DEPOIS ENXAGUE!



Fez este Livro junto ao IFRR

Revisão: Maylla Alves, Thais Siqueira, Bruna E. Santana, Maria Edsonara Brito, (11) 3761-4403 (2020)  
 Projeto Visual: Cintia Maria da Oliveira Magalhães, Cassia Oliveira Oliveira da Alencar  
 Ilustrações: Mariana dos Santos de Pinho, Camilla  
 Tradução: Bruna Antony de Sá, Karol Lally, Mariana Assis Frazão, (11) 4000-1400  
 Diagramação: Maylla Alves e Bruna de Sá

POR QUE TODO MUNDO ESTA USANDO MÁSCARA?



PODE SER QUE A GENTE NEM FIQUE DOENTE E TAMBÉM PODE TER PESSOAS QUE ESTÃO DOENTES E AINDA NÃO SABEM → A DOENÇA PODE PASSAR DE UMA PESSOA PARA A OUTRA, QUANDO FALAMOS, TOSSIMOS, OU ESPIRRAMOS.

POR ISSO TODOS E TODAS PRECISAM TER ATENÇÃO E USAR MÁSCARA



A MÁSCARA NÃO DEIXA O CORONA VÍRUS SAIR CORRENDO, POR ISSO VAMOS TODOS USAR MÁSCARA.

SÓ UM MODELO DE MÁSCARA ESTÁ REPETIDO. ENCONTRE!



QUE ESTÁ ACONTECENDO NO PLANETA? PANDEMIA?



ÁGUA E SABÃO PARA VENCER O VILÃO!!

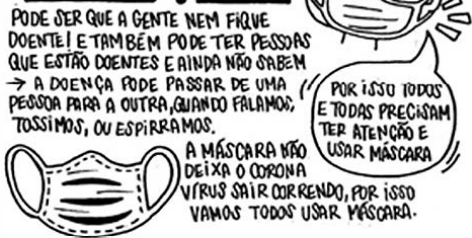


ABRA A TORNEIRA. MOLHA AS MÃOS E FECHA. ENXABOA E ESFREGA TODOS OS CANTINHOS, DEBAIXO DAS UNHAS, TODOS OS LADINHOS DOS DEDOS, A PALMA DAS MÃOS ATÉ OS PUNHOS ENQUANTO CANTA "PARABÉNS PRA VOCE 2X". DEPOIS ENXABOA!

Rio das Ostras, junho de 2020

Roberto Mayde Alves, Paula Serra, Bruno P. Termini, Maria Raimundo Soares (UFF Rio das Ostras),  
 André Maia, Glória Maria de Oliveira Magalhães, Geisa Femenia Gomes do Monte  
 (Secretaria Municipal de Saúde de Rio das Ostras)  
 Contribuições: Soraila (Alberto de Souza) e Karol Castro (Instituto Federal Fluminense - Ferenologica)  
 Coordenação: Mayde Alves e Alberto de Souza

POR QUE TODO MUNDO ESTÁ USANDO MÁSCARA?



SÓ UM MODELO DE MÁSCARA ESTÁ REPETIDO. ENCONTRE!

